



INTERCÂMBIO

## A dimensão espiritual no pensamento de Viktor Frankl e suas implicações sociopolíticas

### *Spiritual dimension in Viktor Frankl's thoughts and its sociopolitical implications*

Thiago Antonio Avellar de Aquino\*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo identificar as implicações sociopolíticas da dimensão espiritual no pensamento de Viktor Frankl. Para tanto, realizou-se uma revisão da literatura tendo por base as principais obras do autor. Constatou-se que a dimensão sociopolítica foi um objeto de suas preocupações e que em seus manuscritos podem-se apontar diretrizes para a compreensão e resolução dos conflitos nos tempos atuais. Discute-se ainda o papel da comunidade na valorização da dignidade humana e a sua relevância para superar a massificação e o processo de despersonalização.

**Palavras-chave:** Ética. Política. Social. Logoterapia.

**Abstract:** This paper intends to identify the social and political implications of the spiritual dimension in Viktor Frankl's thoughts. Therefore, it was carried a literature review on Frankl's main works. It was found that the sociopolitical dimension was indeed an object of his concerns. Moreover, this research demonstrates that his manuscripts can point out guidelines for understanding as well as elucidating conflicts developed at present. It also discusses the role of the community in the human dignity valorization as well as its relevance to overcome the massification and the depersonalization process.

**Keywords:** Ethics. Politics. Social. Logotherapy.

## Introdução

As implicações sociopolíticas das teorias psicoterápicas perpassam o pensamento de diversos autores, posto que a história de vida do teórico transcorre na esteira dos processos culturais e sociais. Esse entrelaçamento não é diferente com o autor da Logoterapia e Análise Existencial, Viktor E. Frankl (1905-1997), que não foi apenas um fundador de uma escola de psicoterapia em Viena, mas um pensador da cultura do século XX. De origem judaica, o autor constituiu uma perspectiva centrada no sentido da existência; ademais, advertiu que cada época tem a sua neurose específica e analisou o estilo de vida das sociedades industriais a partir da relação entre o homem e o mundo.

Exceto em sua juventude, Frankl tinha uma visão suprapolítica que o fez transitar tanto nos EUA e como também na antiga URSS levando sempre a sua mensagem como médico e psicoterapeuta, pois, para o pai da logoterapia, a política não seria uma

---

\* Doutor em Psicologia Social (UFPB). Professor do Departamento de Ciências das Religiões da UFPB. ORCID: 0000-0002-3903-8378 - contato: [logosvitae@hotmail.com](mailto:logosvitae@hotmail.com)

posição, mas um objeto de investigação e de análise. A sua preocupação primeva foi com a prevenção do suicídio, durante a grande crise econômica da Europa, quando fundou os centros de aconselhamento, o que desvela uma preocupação com a dimensão social. Tais centros não tinham nenhuma vinculação partidária ou governamental, foram um empreendimento voluntário que causou impactos na redução do suicídio. Já em 1933 descreveu a neurose do desemprego constatando que: “sem trabalho, a vida parecia às pessoas um absurdo – elas mesmas sentiam-se inúteis. O mais opressivo não era o desemprego em si, mas o sentimento de vazio existencial” (Frankl, 2015, p. 29).

Naquela ocasião pôde escutar a demanda de muitos jovens, e encontrava frequentemente a seguinte queixa: “O que nós queremos, o que nos faz falta, não é só o dinheiro, graças ao qual podemos viver; queremos antes, em primeiro lugar, algo pelo qual possamos viver: algo que dê sentido a nossa vida” (Frankl, 1995, p. 258). A posteriori, defendeu que o direito de ter uma vida plena de sentido seria também um direito humano fundamental (Frankl, 2011).

Indubitavelmente, o contexto político fez parte da vida de Viktor Frankl, pois além de ser sobrevivente de quatro campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, testemunhou o período da Guerra Fria; logo, a dimensão social na logoterapia esteve sempre presente em seus manuscritos, sobretudo na narrativa da narrativa como prisioneiro 119.104. Além disso, Frankl citava dois experimentos clássicos da Psicologia Social, o de Stanley Milgran (1974), sobre obediência à autoridade, e o estudo de Carolyn Wood Sherif (Sherif et al. 1961), sobre cooperação em grupos rivais. Com relação ao primeiro estudo, após a Segunda Guerra, corroborou a sua posição contra a culpa coletiva, ao conceber que o Holocausto poderia ter ocorrido em qualquer país. Já o segundo o ajudou a pensar na função de um sentido único como condição necessária para a sobrevivência do gênero humano.

Tendo em vista a relevância do tema, o presente artigo teve por objetivo identificar as implicações sociopolíticas da dimensão espiritual no pensamento desse autor. Autores como Santos (2016) e Pereira (2017) já abordaram, respectivamente, a dimensão social e política a partir da logoterapia e análise existencial. Entretanto, tal preocupação ainda suscita inquietações nos tempos atuais, quando os tensionamentos sociais se acirram em muitos continentes e afetam a sobrevivência do *Homo humanus*. Nessa direção, torna-se necessário abordar inicialmente a pessoa espiritual na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial.

## A dimensão espiritual do *Homo humanus*

Segundo a Logoterapia, o espiritual (noológico) é a dimensão específica do homem, isto significa que fenômenos tais como a consciência (*Gewissen*), a liberdade da vontade, a responsabilidade e a vontade de sentido para a vida são genuínos, pois não são epifenômenos, e são exclusivos do *Homo humanus*, posto que não são compartilhados com os animais e com as plantas. Pelo fato de possuir esta dimensão, “o homem é um ser que pode dizer não aos instintos e de modo algum deve dizer-lhe sim e amém” (Frankl, 1995, p. 91).

Nessa acepção, o homem nem nasceria bom e seria corrompido, e nem mal que precisasse ser contido, tornando-se aquilo que ele decide ser, pois há um potencial para ambas as potencialidades. Em outras palavras, o homem é aquele ser que tanto inventou a câmara de gás quanto aquela criatura que entrou nela com uma oração ou canção nos lábios, o que demonstra que ele pode decidir até mesmo em situações limite na medida em que acessa a sua dimensão espiritual (Frankl, 1978, 2010).

O que caracteriza o humano é o fato de estar inserido em uma contínua tensão entre o ser e o dever-ser mediada por uma vontade e uma busca de sentido (Frankl, 2010). Essa dinâmica espiritual parte da aspiração aos valores, pois o ser humano é atraído, mas não impelido, pelo que possui mais sentido. Por esse motivo, segundo a logoterapia, “o espírito não é substância, mas puro movimento” (Frankl, 1978, p. 165). Nessa perspectiva, a pessoa espiritual emerge e se desvela por meio da decisão e da ação, na medida em que transpõe uma possibilidade (*potentia*) para a realidade por meio da ação (*actus*). No que concerne a ação ética, esta deve transformar o *actus* em *habitus*, e, por conseguinte, converter-se em uma autêntica atitude ética (Frankl, 1995).

Conforme pensa o autor, para captar os valores que estão em potência, existiria uma compreensão pré-moral dos valores, ou seja, uma intuição espiritual para o dever-ser por meio do órgão do sentido denominado consciência (*Gewissen*). Esta, por sua vez, seria pré-reflexiva e pré-lógica, pois antecederia a qualquer juízo moral. Nesse sentido, quando se considera a maneira como esta consciência atua, pode-se falar em um instinto ético que se contrapõe ao instinto vital. Este último se dirige ao geral e ao esquemático, e tem por finalidade salvar a vida da espécie e, por esse motivo, coloca a individualidade em um plano secundário. Já o instinto ético se direciona à situação concreta do indivíduo, ou seja, para um valor latente na situação (Frankl, 1992).

Além do mais, a pessoa espiritual não pode ser herdada. Por esse motivo, Frankl (1978) recomenda que a teologia deveria acentuar que “o homem, como pessoa espiritual, não é criado por nós” (Frankl, 1978, p. 131), em contraposição ao que o psicofísico, que seria herdado. Nessa direção, o físico seria transmitido por fatores genéticos, o psíquico, orientado pela educação, enquanto que o espiritual precisa ser realizado existencialmente (Frankl, 1978).

O autor em foco propõe a seguinte metáfora: a pessoa receberia os tijolos (carga genética), mas não o construtor (pessoa espiritual); por este motivo, compreendia que o sentido da vida seria a construção da essência na própria existência (Frankl, 1978). O espiritual emerge no movimento de aproximar a discrepância entre o seu “ser” e o seu “poder ser”. Por esse motivo, conclui o autor que: “somente Deus pode afirmar de si mesmo, ‘sou o que sou’. Pode fazê-lo porque é *actus purus*, potência atuada, possibilidade realizada. Deus é uma congruência de ser e ser-assim, de *existentia* e *essentia*” (Frankl, 1978, 232).

No caso do homem, apenas na morte se define o seu ser, tendo em conta que é apenas neste momento em que a sua existência coincide com a sua essência. Da mesma forma que a totalidade do humano abarca toda a sua existência, a complexidade ontológica apenas está completa quando se considera a sua dimensão espiritual. Dessa forma, o autor compreende, em sua ontologia dimensional, que o homem é um ente tridimensional, bio-psico-espiritual, e que, apesar da sua diversidade, ele é um ser indivisível ou

*unitas multiplex*. Destarte, o psicofísico seria uma via de expressão daquela dimensão mais ampla que é denominada espiritual (Frankl, 2011).

Além de analisar a dimensão espiritual do *Homo humanus*, Viktor Frankl também compreendeu que a pessoa é um ser no mundo, pois é um ser referido a algo ou alguém em sua própria comunidade. Sem dúvida, o homem é um ser limitado ao meio (*Umwelt*), mas também é aquele que pode derrubar os meios impostos pelo mundo (Frankl, 2011). Dessa forma, torna-se imperativo apontar a dimensão sociopolítica na sua vida e na obra deste pensador, o que será abordada a seguir.

## A dimensão sociopolítica na vida e no pensamento de Frankl

Na juventude, Frankl foi membro do Partido Socialista, funcionário da juventude trabalhadora socialista e, por um período, foi diretor gerente dos estudantes secundaristas socialistas da Áustria. Sobre esta época, recorda: “Meus amigos e eu perambulávamos noite adentro pelo Prater e discutíamos não apenas a alternativa ‘Max e Lenin’ mas também a alternativa ‘Freud e Adler’” (Frankl, 1990a, p. 116).

Além disso, em sua mocidade, ministrou um curso sobre higiene psíquica na Universidade Para o Povo de Viena e proferiu conferências regularmente para organizações da Juventude Trabalhadora Socialista (Frankl, 1990a). Acerca desse fato, comentou:

[...] eu, o estudante de medicina com 21 anos, pronunciei de novo, a convite da Juventude Trabalhadora Socialista, uma conferência sobre o sentido da vida, e para ela marcharam colunas inteira de jovens, portando bandeiras sobre o local de encontro e reunião (Frankl, 1990a, p. 117).

Em suas memórias, recorda que, na época da Segunda Guerra Mundial, um advogado socialista chamado Bruno Pittermann, a quem Frankl conhecia apenas superficialmente, lhe trazia, quando possível, algo para comer (Frankl, 2006). Também, durante o *Shoah*, participou de um movimento de resistência contra o Nazismo e, por este motivo, teve a sentença de morte decretada. Indubitavelmente, a preocupação com o social sempre foi um traço do seu pensamento.

Entretanto, apesar de se ocupar com os aspectos sociológicos, seu nível de análise é a postura do indivíduo perante as forças do ambiente. Ao exemplificar que o homem pode dar a sua vida por valores e sentidos, aponta para a seguinte constatação: “apenas vejam os movimentos políticos de resistência ao longo da história e no nosso tempo presente” (Frankl, 2011, p. 207). Frankl (1978), ao discorrer acerca do *poder de resistência do espírito*, apresentou o exemplo do homem quando é torturado e interrogado:

[...] Sob dores que lhes são causadas pela tortura, grita e se encolhe, é um fenômeno que está completamente de acordo com o fenômeno da tortura – ‘de acordo’, para não dizer em paralelismo psicofísico ou mesmo em identidade psicofísica. É por assim dizer função do organismo psicofísico que ele se encolha com as dores e grite – ele, o organismo. Mas será obra do espírito que este homem torturado desafie a tortura na medida em que, apesar dela, não denuncie nenhum nome, mas fique em silêncio (p. 167).

A dimensão sociopolítica é uma condição da existência humana, mas esta não necessariamente determina totalmente o indivíduo e tampouco pode prever ou explicar

todos os fenômenos humanos, pois, para o autor, “não se trata de estar livre de fatores condicionantes, mas sim da liberdade de tomar uma posição frente aos condicionamentos” (Frankl, 2010, p. 152). Assim, a crítica é direcionada apenas em relação às teorias pandeterministas que negam peremptoriamente a liberdade e a responsabilidade do ser humano, e àquelas perspectivas reducionistas como o sociologismo e o psicologismo, pois, na medida em que se considera o homem como vítima das circunstâncias, aniquila a sua dignidade (Frankl, 1989a). Essa ideia se expressa no seguinte pensamento:

A disposição psicofísica e, a par da disposição vital, a situação social constituem, em conjunto, a posição natural de um homem, a qual, porém, não é decisiva. O que decide, por último, é, a pessoa espiritual – a posição pessoal em relação à posição natural (Frankl, 1978, 169).

Em outras palavras: o indivíduo está imerso na estrutura social, não obstante, diante do destino sociológico, restaria ainda uma área de liberdade humana para se posicionar ou agir no mundo livremente (Frankl, 1989b). Por esse motivo, alertou: “temos que atentar agora no social enquanto destino propriamente dito, isto é, enquanto elemento imutável, ininfluenciável, que se contrapõe à vontade humana, desafiando-a para a luta” (Frankl, 1989b, 137). Em outras palavras, as provocações do mundo atual não devem ser fator de desânimo, mas se constituem como motivadores para ações responsáveis.

Constata-se que a dimensão social também é contemplada em sua teoria quando utilizou o termo sociogênico ao identificar a etiogênese do vazio existencial. Para atingir a raiz dos transtornos e causas de sofrimentos sociogênicos, torna-se necessário atuar politicamente, pois a vida também questiona a pessoa a ser um agente transformador do ambiente e da sociedade por meio da sua ação como *zoon politikon*, mas sem abandonar o *ethos* do *Homo humanus*. Afinal, o ser humano é responsável não apenas perante a sua consciência, mas também perante a própria sociedade (Frankl, 1995).

Quando apela para a consciência, Frankl se afasta da compreensão de que a matéria poderia explicar todos os fenômenos naturais, sociais e mentais. Não obstante, no que concerne ao materialismo, a crítica de Frankl (1978) se dirige especificamente ao materialismo metafísico e ao materialismo mecanicista e, não necessariamente, ao materialismo histórico. Nessa perspectiva, compreende a possibilidade de analisar o materialismo histórico como um sistema ético, dessa forma, compreende que, apesar de colocar a primazia do social e do econômico, tem como fundamento o *ethos* da justiça:

Verificamos que o primado econômico-social é proclamado por amor à justiça, particularmente da justiça social e econômica. [...] Seria, contudo, incorreto imputar ao materialismo histórico, numa análise em profundidade, como aqui tentamos fazer, o propósito de degradar a cultura. Já assinalamos que o primado econômico-social origina-se do amor à justiça, portanto a ênfase no social se faz por causa da cultura (Frankl, 1978, p. 101).

A dimensão ética e social da logoterapia está contida, sobretudo, na terceira pergunta do Rabino Hillel: “Se o fizer apenas por mim mesmo, o que serei eu?” (citado por Frankl, 2011). Esta pergunta aponta para a autotranscendência da existência humana. Dessa forma, o homem transcende para a sua própria comunidade, para as pessoas ou para tarefas únicas, já que é radicalmente aberto para o mundo (Frankl, 1995).

Como dito inicialmente, a ontologia dimensional compreende que o homem é um ser bio-psico-espiritual, sendo que se encontra aberto para o mundo em sua dimensão espiritual (noológica). Por esse motivo, o social não é propriamente uma dimensão ontológica, mas o seu lugar de morada, espaço de atuação e expressão do seu ser-no-mundo, onde descobre razões para agir e amar. Por esse motivo, aventou Frankl (1989b).

[...] Não nos passa despercebido que também há uma série de valores vivenciais que estão reservados essencialmente à vivência comunitária: quer se trate de uma base comunitária mais ampla, como sucede na camaradagem, na solidariedade, etc.; quer dessa ou outra que é própria da comunidade amorosa, apenas entre duas pessoas (p. 136).

A massa despersonaliza o ser humano, enquanto a comunidade ressalta o seu valor e sua dignidade, que transcendem a sua utilidade. Segundo pensa, o valor de cada pessoa resulta da imperfeição, pois se todos fossem perfeitos, logo seriam iguais e passíveis de serem substituídos (Frankl, 1989b). Isto posto, apresenta a seguinte metáfora: “Num mosaico, cada um dos fragmentos, cada pedra, é, na forma e na cor, algo incompleto e ao mesmo tempo imperfeito; só no todo e para o todo significa cada um alguma coisa” (Frankl, 1989b, p. 114). A logoterapia defendeu que o sentido se constitui na medida em que o ser transcende para a sua comunidade, onde a pessoa pode realizar-se plenamente enquanto personalidade livre e responsável. Por esse motivo, conclui-se que:

A sua pura facticidade psicológica ou biológica – o homem é, evidentemente, um *zoon politikon* – transforma-se num postulado ético. Mas não é só a existência individual a precisar da comunidade para vir a ser portadora de sentido; pode-se dizer também o contrário: a comunidade, por seu turno, precisa da existência individual para ter algum sentido. É isto o que essencialmente a distingue da massa pura e simples (Frankl, 1989b, p. 115).

Nessa ótica, todo ser humano possui o seu valor e sua dignidade que lhe são próprios, pois é sempre um ser referido a sua comunidade e, por este motivo, não pode ser excluído dela ou viver de forma indigna, conforme se observa em contextos de desigualdades sociais. Logo, em países empobrecidos, as políticas de inclusão social deveriam ser uma via para valorizar a unicidade da pessoa na sua comunidade. Para resaltar a singularidade e dignidade humanas, Frankl apresenta a metáfora do paralelepípedo, a qual é distinta a do mosaico:

A relação do indivíduo com a massa, poderíamos compará-la agora com aquela que se verifica entre um paralelepípedo cortado em série e a rua pavimentada [...]: cada paralelepípedo pode aqui ser substituído por qualquer outro, já que todos são talhados do mesmo modo; de resto, não tem qualquer significado qualitativo para o todo – que, no caso, não é propriamente um todo, mas apenas uma coisa grande; além disso, o pavimento de paralelepípedos, no seu tom uniforme, não tem tampouco o valor estético de um mosaico, mas unicamente o valor útil – tal como a massa, que apenas sabe da utilidade dos homens, não tomando conhecimento do seu valor ou da sua dignidade (Frankl, 1989b, p. 115-116).

Tendo em vista a relevância da comunidade para o desenvolvimento pleno do ser e os perigos da massificação, que tende a ofuscar o valor e a dignidade humana, o próximo tópico tecerá considerações acerca do pensamento político do autor em tela.

## Reflexões acerca da política a partir do pensamento frankliano

O desencanto com a política e a falta de iniciativa da geração pós-guerra se relacionam com a indiferença em relação à vida, e esta, por sua vez, pode ser compreendida como expressão de um vácuo existencial (Frankl, 1995). Assim, o engajamento por uma sociedade melhor seria de todo significativo na medida em que pudesse transformar a morada do ser em um lugar mais humanizado. De forma geral, o papel da política, nesses termos, seria o de transmutar ou prevenir, quando fosse possível, todo sofrimento humano que tivesse origem no meio social, ambiental e econômico.

Ao analisar a situação global de sua época, Frankl (2011) observou que a ênfase no mundo ocidental era na liberdade, enquanto que no Oriente era no senso de missão. Dessa forma, propõe uma síntese entre liberdade e missão, e adverte que “[...] o sentido da democracia torna-se incompleto se concebermos a liberdade sem responsabilidade” (Frankl, 2011, p. 66). Concluiu, então, que, sem responsabilidade, a democracia pode resultar em arbitrariedade.

A ênfase na liberdade com responsabilidade seria amalgamada pelos valores éticos. Por conseguinte, o autor costumava distinguir dois tipos de políticos: “Para um tipo de político, os fins aparentemente justificam os meios. O outro tipo sabe muito bem que existem meios capazes de estragar os fins mais puros” (Frankl, 1978, p. 52). Segundo pensa, os meios se referem às questões éticas, enquanto os fins sempre apontam para o reino dos valores, assim, torna-se necessário responder a algumas indagações: “O que é o ‘fim’? Quando se trata de um valor – há valores reconhecidos por todo um grupo? E há denominadores comuns a respeito daquilo que, para esses grupos, constituem o valor da vida?” (Frankl, 1978, p. 52).

Em qualquer grupo encontrar-se-iam pessoas éticas; por esse motivo, o autor também encontrou no corpo da guarda nazista, quando foi prisioneiro em campos de concentração, pessoas que ainda preservavam os seus princípios morais de consciência (Frankl, 2010). Tendo como referência a sua experiência, pôde constatar que:

A bondade humana pode ser encontrada em todas as pessoas e ela se acha também naquele grupo que à primeira vista deveria ser sumariamente condenado. As delimitações se sobrepõem. Não podemos simplificar as coisas dizendo: ‘Os prisioneiros são anjos, e os guardas são demônios’ (Frankl, 2010, p. 111).

De forma similar, não se poderia demonizar um grupo social ou pensar em uma “raça pura” constituída de pessoas exclusivamente descentes. Já o fenômeno do fanatismo político se caracterizaria pela intolerância em relação à diversidade de pensamentos, pois o que deve prevalecer sempre é a sua própria opinião, que, na realidade, não seria sua, mas teria sido apropriada previamente por contágio (Frankl, 1990b).

Nessa perspectiva, Frankl (1990b) cita duas frases de Hitler para exemplificar o fenômeno do fanatismo político: A primeira diz que “é uma sorte para os governantes que os homens não pensem, mas permitam que por eles se pense” (p. 46). Frankl (1990b) explica que a opinião pública é cristalizada por meio de *slogans*, como, por exemplo, *Deutschland über alles* (“Alemanha acima de tudo”); estes, por sua vez, são propagados na massa, e as pessoas fanatizadas se apropriam dos mesmos, o que provocaria uma reação em cadeia.

Já a segunda frase de Hitler assevera que “a política é um jogo em que qualquer truque é permitido” (p. 47). Aqui, novamente, aparece o problema ético que se constitui em validar os meios tendo em conta os fins, o que se complementa com a perspectiva anteriormente abordada. Para identificar o sintoma do fanatismo, Frankl (1990b) propõe o seguinte questionamento: “você não acha que uma pessoa que queira sempre o melhor pode licitamente empregar todo meio que lhe pareça adequado ao fim do que se propõe realizar?” (p. 48). Para combater tal postura, torna-se necessário o retorno à “ética dos meios”, pois, embora todos os caminhos possam levar a Roma, nem todas as vias seriam lícitas para a consciência (*Gewissen*).

Mas como encontrar a via adequada? Nas palavras do autor, “[...] a consciência é que me dirá, em última instância, se na luta política se podem aplicar ou não determinados meios” (Frankl, 2000, p. 71). Para prevenir o fanatismo e a carência de valores na política, torna-se necessário despertar a consciência ética (*Gewissen*) no intuito de encontrar aqueles meios que não maculem os fins. Sobre isso, afirma Frankl (2011): “Hitler jamais teria se transformado no que se transformou se não tivesse suprimido interiormente a voz da própria consciência” (p. 86). Assim, o fanático político poderia superar a sua neurose coletivista na medida em que se posicionasse e agisse de forma congruente com a sua própria consciência (Frankl, 1995).

A argumentação do autor culmina em uma consideração fundamental para todos os partidos e movimentos políticos e sociais da atualidade: “[...] com tal política de fanatismo pretende-se politizar o homem, quando, ao contrário, seria mais importante humanizar a política” (Frankl, 1990b, p. 47). Para tal finalidade, Frankl (2015) compreendeu que o ser humano é capaz de odiar o sistema opressor, mas não necessariamente as pessoas que aderiram a ele, nessa perspectiva, o autor afirma:

Quão injustos para com os combatentes da resistência contra o nacional-socialismo, se os considerarmos meras vítimas de um “potencial agressivo”, o qual, mais ou menos aleatoriamente, se havia dirigido contra Adolf Hitler. Intrinsecamente, eles não pensavam, com suas lutas, estar num combate contra ele, senão contra o nacional-socialismo, um sistema. Não se voltam contra a pessoa, mas contra um objeto (Frankl, 2015, p. 19).

Da mesma forma que Santo Agostinho fazia a diferença entre o “pecado” e o “pecador”, Frankl (1989a) estabeleceu distinções entre odiar um objeto e odiar uma pessoa; por esse motivo, é possível amar e odiar ao mesmo tempo: “odiar alguma coisa é mais significativo do que odiar alguém [...], porque, se não o odeio pessoalmente, posso ajudá-lo a vencer aquilo que nele odeio” (Frankl, 1989a, p. 64).

Uma política que pudesse ajudar o ser humano a superar o ódio e promover a paz deveria ser pautada na vontade de sentido comum em um único sentido, o que seria uma condição necessária para a sobrevivência da humanidade. Para compreender a relevância de um sentido único para a humanidade, Frankl (2011) relatou a experiência do povo hebreu ao vagar no deserto, conduzido por uma nuvem que permanecia à sua frente como um guia. Caso a nuvem tivesse permanecido no meio deles, teriam perdido o seu caminho.

Outra perspectiva de Frankl para a superação do ódio seria a quebra do ciclo vicioso da agressão. Para tanto, torna-se necessário ter consciência do princípio que reza que quem sofre injustiça não tem o direito de cometer injustiça (Frankl, 2010). Portanto,

para as sociedades bélicas, Frankl (2010) já alertava que “desde Auschwitz nós sabemos do que o ser humano é capaz. E desde Hiroshima nós sabemos o que está em jogo” (p. 175). Por esse motivo, para que a humanidade não sucumba no “olho por olho e dente por dente”, Frankl (2000) advogava também uma esperança na política por meio do ativismo, mesmo que fosse de forma utópica.

Nos dias atuais, a sociedade se divide cada vez mais entre o “nós” e o “eles”, o *in-group* e o *out-group*, em um contínuo clima de acirramento e de conflitos ideológicos. Para promover uma postura de reconciliação, Frankl (1992) propõe o seguinte pensamento: “somente pode haver uma verdade; mas ninguém pode saber se ele e não o outro que a possui” (Frankl, 1992, p. 68). Tal concepção poderia promover mais tolerância entre pensamentos divergentes.

Mas não estaria exigindo muito do ser humano? Inspirado na máxima de Goethe, “se exigirmos do homem o que ele deve ser, faremos dele o que ele pode ser. Se pelo contrário, o aceitarmos como ele é, então acabaremos por torná-lo pior do que é”, Frankl (1972) chega à conclusão de que os idealistas são, em última análise, os verdadeiros realistas. Da mesma forma, as políticas públicas precisariam considerar o que o ser humano deveria ser e não apenas o que ele é. Segundo o autor, as pessoas decentes se constituiriam em uma minoria; para converter esta minoria em maioria, dever-se-ia refinar a consciência da responsabilidade, e, por conseguinte, deixar que os modelos positivos gerassem uma reação em cadeia (Frankl, 1978).

No contexto latino-americano, a mensagem deste autor foi muito bem recebida. Nessa vertente, Xausa (1988) já alertava sobre a importância prática da logoterapia para o homem oprimido no sentido de compreender as suas condições sub-humanas e encontrar soluções a partir do reconhecimento da sua dignidade. Poderia facilitar o processo de autoconsciência do seu modo de ser específico; ajudar o ser humano a encontrar o sentido do seu sofrimento no contexto histórico-cultural, para tornar-se responsável pelo seu próprio destino; engajar-se na ação de libertação pessoal e social por meio da autotranscendência; conscientizar acerca da dignidade do homem-cidadão para superar as condições sociais indignas; colocar-se acima dos condicionamentos para alçar uma comunidade única; superar obstáculos para obter o bem comum, a esperança e a paz.

Corroborando o pensamento da autora supracitada, Pareja Herrera (2007) também advogou a aplicação social da Logoterapia na América Latina, afro e indígena a partir do conhecimento do seu processo histórico-cultural. Nesse sentido, aventou que “sem história não se pode construir a identidade de nossa América. Se não se indaga sobre a história pessoal, comunitária nacional e continental, as possibilidades de transformação da consciência se empobrecem” (Pareja Herrera, 2007, 382). Constata-se, portanto, que a mensagem de Frankl é libertadora, posto que a sua utopia é no “poder-ser” de um mundo mais belo, tanto no sentido estético quanto ético.

## Conclusão

O presente artigo teve por objetivo identificar as implicações sociopolíticas da dimensão espiritual no pensamento de Viktor Frankl. Por meio de uma revisão da

literatura, constatou-se que o autor refletiu a relação do indivíduo e o seu entorno social, e abordou esta última dimensão tendo em conta o aspecto humano do livre arbítrio, e as potencialidades de transformar o seu meio externo ou interno. Além disso, Frankl (1978) resaltou a força desafiadora do espírito humano como forma de resistência aos sistemas sociais injustos e opressores em ocasiões em que não se pode alterar a própria realidade, mas também não excluiu o engajamento em movimentos políticos para transformar o mundo em uma morada melhor.

Um critério plausível para abalizar uma boa política seria a sua capacidade de transcendência, pois esta deveria ser um meio para servir a comunidade, como um *bem supremo* (Aristóteles). Na esteira da liberdade e da responsabilidade, o “ser ético” seria uma questão de decisão e não de condições externas ou internas. Entretanto, pode-se cair na arbitrariedade quando os sistemas democráticos apregoam apenas a liberdade e se esquecem da responsabilidade, ou cair no totalitarismo, quando acentuam a responsabilidade, mas se esquivam da liberdade. Ademais, o poder se distorce como expressão neurótica na medida em que se perde o seu sentido mais nobre e autêntico e quando se reduz a uma mera satisfação da vontade de potência de um grupo ou de uma pessoa.

Certa vez, o autor considerou que “[...] a logoterapia é revolucionária demais para ser plenamente aceita nos círculos científicos” (Frankl, 2011, p. 200). Nessa mesma acepção, pode-se considerar, para os dias atuais, que ela é revolucionária demais para permanecer apenas nos círculos acadêmicos, podendo servir também para nortear diretrizes e práxis político-sociais, conforme aventaram Xausa (1988) e Pareja Herrera (2007).

O espiritual abarca a dimensão sociopolítica na medida em que procura meios dignos para promover o bem comum, a paz, a justiça social e a dignidade do ser como preocupações genuinamente humanas. Inequivocamente, torna-se imperativo reconhecer o valor e a dignidade de cada pessoa em sua comunidade, o que seria um princípio fundamental para alcançar uma unidade apesar da diversidade. De certa forma, Frankl lançou as sementes não apenas para cultivar a saúde mental, mas também para clarificar uma cultura de paz ao alertar sobre o que a humanidade é capaz e o que está em jogo; ainda advertiu que “o ser humano é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e mudar a si mesmo para melhor, se necessário” (Frankl, 2010, p. 153). Nesse sentido, considera-se pertinente o seu pensamento para esperançar o homem e a sociedade do século XXI.

## Referências

Viktor Frankl on Why Idealists Are Real Realists. 1972. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?feature=share&v=loay2imHq5E&fbclid=IwAR09YxbQfhkkAcZ6CAqCpu\\_vzTWJIT\\_nhoxkcl6COjqC976dp2PqFKbEgOU&app=desktop](https://www.youtube.com/watch?feature=share&v=loay2imHq5E&fbclid=IwAR09YxbQfhkkAcZ6CAqCpu_vzTWJIT_nhoxkcl6COjqC976dp2PqFKbEgOU&app=desktop)>. Acesso em 26 jun. 2019.

FRANKL, Viktor Emil. Fundamentos antropológicos da psicoterapia, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FRANKL, Viktor Emil. Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo. Aparecida: Santuário, 1989a.

FRANKL, Viktor Emil. *Psicoterapia e sentido da vida*. São Paulo: Quadrantes, 1989b.

FRANKL, Viktor Emil. *A questão do sentido em psicoterapia*. São Paulo: Papyrus, 1990a.

FRANKL, Viktor Emil. *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. Petrópolis: Vozes, 1990b.

FRANKL, Viktor Emil. *A presença ignorada de Deus*. Petrópolis,: Vozes, 1992.

FRANKL, Viktor Emil. *Logoterapia e análise existencial: Textos de cinco décadas*. Campinas: Psy II, 1995.

FRANKL, Viktor Emil. *Lo que no está escrito en mis libros: Memórias*. Buenos Aires: San Pablo, 2006.

FRANKL, Viktor Emil. *En el principio era el sentido: Reflexiones em torno al ser humano*. Barcelona: Paidós, 2000.

FRANKL, Viktor Emil. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2010.

FRANKL, Viktor Emil. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. *O sofrimento de uma vida com sentido: Caminhos para encontrar a razão de viver*. São Paulo: É Realizações, 2015.

MILGRAN, Staley. *Obedience to authority: An experimental view*. New York: Harper & Row, 1974.

PAREJA HERRERA, Luis Guillermo. *Comunicación y resistencia*. Buenos Aires: San Pablo. 2007

PEREIRA, Ivo Studart. *O pensamento político de Viktor E. Frankl*. *Revista Logos e Existência*, v. 6, pp. 125-136, 2017.

SANTOS, Gilvan de Melo. *A dimensão social na vida de Viktor Frankl*. In G. M. Santos & L. Bandeira. (Orgs.). *Da teoria à prática: A dimensão social da Logoterapia*. João Pessoa: Ideia. 2016, pp. 12-27.

SHERIF, Muzafer; HARVEY, O. J.; WHITE, B. Jack; HOOD, William R.; & SHERIF, Carolyn. W. *Intergroup Conflict and Cooperation: The Robbers Cave Experiment*. Norman: University of Oklahoma Book Exchange, 1961.

XAUSA, Izar Aparecida de Moraes. *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis: Vozes, 1988.

Recebido: 4 de julho de 2019.

Aprovado: 28 de novembro de 2019.